

Você valoriza mais a sua vontade ou as ideias dos outros?

O quanto é para você viver de acordo com a sua vontade, entendendo esta como seus objetivos pessoais, como a atenção às suas necessidades e à percepção do que é importante para sua vida? O quanto você nega isso se alguma ideia de um iluminado, de um filósofo, de um psicólogo, de um pensador, de alguma pesquisa científica ou de qualquer autoridade diz que há algo de errado em você viver segundo a sua vontade e segundo o que lhe interessa?

Todos os dias, estamos confrontando nossas vontades com ideias que não são ferramentas para a realização de nossos objetivos, mas, sim, cerceadoras da concretização deles.

Pense, por exemplo, que, de uns tempos para cá, você passou a comer esse ou aquele alimento não mais porque tem vontade, mas porque alguma pesquisa recente ou alguma autoridade em saúde disse que há algo de errado com ele. E o contrário, você se esforça e se força a comer o que não gosta porque lhe disseram que é bom.

Sobre trabalho, você nem sempre escolhe uma ocupação que tenha afinidade com suas características, mas acaba se influenciando pelo que autoridades afirmam ser mais vantajoso, seguro e que escapará ao progresso tecnológico.

Você se obriga a aceitar ideias que são contrárias a quem você é, negando-se, porque aprendeu que o melhor é ter ideias ótimas e corretas, e não se basta com o seu discernimento, que deveria ser considerado o verdadeiro guia da sua vida.

O nível das ideias está na esfera social (é sempre a ideia dos outros) e é o que as pessoas mais valorizam. O nível da vontade está na esfera individual; é o que somos e queremos da nossa vida, mas é do que aprendemos a declinar desde sempre em prol do tal bem comum. E não por acaso você já deve ter ouvido alguém dizer que perdeu a vontade de viver. Provavelmente por ter se perdido no emaranhado das ideias dos outros, caracterizado por obrigações, regras de certo e errado, servidão social, autossacrifício e moral hipócrita.

O caso é que ignorar a vontade, que é o que realmente somos, e deixar de cumpri-la, o que nos tira o gosto com a vida, é um mal destrutivo, diferente do que ouvimos sempre, que nossa vontade é perigosa: perigoso é moldar a nossa vida às ideias dos outros para agradar e para cumprir o bem coletivo, porque isso é nos negar e é aceitar a servidão social como o paradigma da nossa vida.